



Perfil da negação pós-verbal entre jovens sulistas: dados do ALiB

Post-Verbal Negation in Young Southern Speakers: Data from ALiB

Rerisson Cavalcante de Araujo

Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, Bahia / Brasil

rerissonaraujo@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho conjuga preocupações sintáticas e discursivas com questões geolinguísticas. Descreve a negação no Sul do Brasil, em comparação com as propriedades identificadas nos dialetos do Nordeste/Sudeste e de Portugal (CAVALCANTE, 2007, 2012). A literatura anterior considerava (i) sentenças com [não VP não] e [VP não] como inovações do português brasileiro (PB) em relação ao europeu (PE), oriundas de contato linguístico (FONSECA, 2011; CARENO; PETTER, 1994; LUCCHESI, 2001); (ii) e [VP não] como peculiaridade nordestina, ausente no Sul/Sudeste. Trabalhos mais recentes mostram negativas pós-verbais no PE, embora com valores distintos (MARTINS, 2010; CAVALCANTE, 2012, p. 57-60; LAMBERTI, 2014); atestam [não VP não] no Sul/Sudeste e [VP não] no Sudeste (CAMARGOS, 2000; ALKMIM, 1999; 2002). Mas a distribuição e o valor de [VP não] no Sul não estão claros: a estrutura parece ausente do Rio Grande do Sul (RS) (GOLDNADEL *et al.*, 2013), mas ao menos parcialmente presente no Paraná (PR) e Santa Catarina (SC) (cf. FONSECA, 2009). O trabalho busca mapear essas estruturas nos inquéritos do ALiB da região Sul, para detectar onde aparecem e descrever as funções discursivas e os tipos sintático-semânticos que codificam. Busca verificar as hipóteses: (i) [VP não] está ausente no RS; (ii) mas presente em partes de SC e PR; (iii) quando ocorre, a estrutura [não VP não] tem valor enfático, como no PE, ou apenas anafórico, como no Nordeste e Sudeste (CAVALCANTE, 2012, p. 28-133); (iv) o ‘não’ pós-verbal é restrito a declarativas matriciais como no PE ou ocorre em outros tipos oracionais.

Palavras-chave: negação sentencial; dialeto sulista; sintaxe; semântica; dialetologia.

Abstract: This paper combines syntactic-pragmatic concerns and dialectal issues. It describes sentential negation in southern Brazil, in comparison with properties identified in Northeast/Southeast dialects and in Portugal (CAVALCANTE, 2007, 2012). Previous literature on the phenomenon considered (i) sentences with [neg VP neg] and [VP neg] as innovations in Brazilian Portuguese (BP), originating from linguistic contact (FONSECA, 2011; CARENO; PETTER, 1994; LUCCHESI, 2001), absent in European Portuguese (EP); (ii) and [VP neg] as a northeastern peculiarity, absent in the south/southeast Brazil. However, later works attested (a) post-verbal negatives in EP, although with different values (MARTINS, 2010; CAVALCANTE, 2012, p. 57-60; LAMBERTI, 2014); (b) and [not VP not] in the south/southeast; (c) and [VP not] in the southeast (CAMARGOS, 2000; ALKMIM, 1999; 2002). Conversely, the distribution and value of [VP neg] in the southern region are not clear: this structure seems to be absent in the state of Rio Grande do Sul (RS) (GOLDNADEL *et al.*, 2013), but at least partially present in Paraná (PR) and Santa Catarina (SC) (FONSECA, 2009). This paper aims to map these structures in the ALiB's surveys applied in southern region syntactic isoglosses and to describe the discursive functions and the syntactic-semantic types that they codify, in order to test the following hypotheses: (i) [VP neg] is absent in RS; (ii) but present in parts of SC and PR; (iii) when it occurs, the [neg VP neg] has an emphatic value as in EP or only an anaphoric one, as in the northeast and southeast states (CAVALCANTE, 2012, p. 28-133); (iv) the post-verbal negative marker is restricted only to declarative matrix sentences as in EP or occurs in other sentential/illocutionary types.

Keywords: sentential negation; southern dialect; syntax; semantics; dialectology.

1 Introdução

Nesta pesquisa, busco documentar e descrever a presença ou ausência da negação sentencial pós-verbal em dialetos sulistas do português brasileiro, com base em dados dos inquiridos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB).¹ O objetivo é identificar a distribuição geográfica das negativas pós-verbais e descrever suas propriedades sintáticas e discursivas, em confronto com as características conhecidas sobre o mesmo fenômeno em outros dialetos do português brasileiro (PB)

¹ Para mais informações sobre o projeto, cf. PROJETO..., 2018. Os dados utilizados nesta análise ainda virão a ser publicados.

e no português europeu (PE). Nesse trabalho, apresento os resultados parciais, referentes aos informantes da faixa etária mais jovem.

O texto está organizado da seguinte forma: na seção 2, descrevo as propriedades da negação sentencial no PB e no PE, bem como as questões quanto aos dialetos sulistas do PB que motivam essa pesquisa; na seção 3, apresento a metodologia da pesquisa; na seção 4, apresento os resultados e sua discussão em relação às questões apresentadas na seção 3; na seção 5, encerro o artigo com as conclusões parciais.

2 A negação pós-verbal em português

Nesta seção, trato das principais propriedades da negação pós-verbal em diferentes dialetos do PB (dialetos do Nordeste e Sudeste, de um lado, e do Sul do país, de outro) e do PE.

2.1 A negação sentencial no PB

Há três padrões principais de negação sentencial no PB de acordo com a posição do marcador negativo: (i) posição pré-verbal/VP (cf. (1a)); (ii) posição pós-verbal/VP (cf. (1c)); (iii) e posição simultaneamente pré e pós-verbal/VP (cf. (1b)).

- | | | |
|-----|--|--------------|
| (1) | a. Eu não quero sair hoje. ² | [não VP] |
| | b. Eu não quero sair hoje não . ³ | [não VP não] |
| | c. Quero sair hoje não . ⁴ | [VP não] |

² Nesse padrão [não VP] devem ser incluídos os casos em que o marcador pré-verbal é omitido devido à presença de elementos pronominais (*ninguém, nada*) ou adverbiais negativos (*nunca, jamais*) em função de sujeito ou adjunto pré-verbal, como em:

- | | |
|---------------------------|-----------------------------|
| (i) Ninguém viu isso. | (ii) Nada aconteceu. |
| (iii) Ele nunca fez isso. | (iv) Ele jamais faria isso. |

³ O leitor pode perceber que o segundo marcador é mais bem caracterizado como pós-VP e não como pós-verbal, uma vez que não segue imediatamente o verbo (como ocorre em outras línguas), mas todo o sintagma verbal, incluindo complementos e adjuntos.

⁴ Em [VP não], há uma forte tendência à omissão dos argumentos, principalmente do sujeito.

O padrão [não VP]⁵ é o mais produtivo no PB, não apenas quanto à frequência de uso, mas também quanto aos contextos de aceitabilidade. Pode ocorrer em quaisquer tipos de sentenças, independentemente do modo, tempo, aspecto ou função sintática da oração. Os outros padrões sofrem várias restrições sintáticas relacionadas ao tipo sentencial.⁶ As negativas pós-verbais são possíveis em sentenças matrizes declarativas, interrogativas polares e imperativas, mas bloqueadas em interrogativas QU, como mostram os dados em (2).

- (2) a. A: Você convidou ele pra festa?
 B: (**Não**) convidei (ele) **não**.
 b. (**Não**) convide ele pra festa **não**!
 c. (Você) (**não**) convidou ele **não**? Pensei que você tivesse convidado...
 d. *Quem (**não**) convidou ele **não**?
 e. *Quem (você) (**não**) convidou **não**?
 f. *Por que (você) (**não**) convidou ele **não**?

⁵ Ao longo do artigo, usarei a seguinte nomenclatura:

- (i) os rótulos [não VP], [não VP não] e [VP não] para me referir a cada um dos padrões apresentados em (1).
 (ii) os termos “negativas pós-verbais” para me referir simultaneamente a [não VP não] e [VP não], sem distinção.
 (iii) os termos “o *não* final” ou “o *não* pós-verbal” para me referir indistintamente ao marcador pós-verbal que ocorre em [não VP **não**] e [VP **não**].
 (iv) o termo “negativa(s) pré-verbal(is)” para me referir exclusivamente a [não VP].

⁶ Há línguas em que os marcadores verbais são sensíveis a propriedades relacionadas ao IP (no sentido da gramática gerativa) como tempo, modo e aspecto; segundo Zanuttini (2001, p. 511), por exemplo, os marcadores *ne* e *nem* do húngaro, por exemplo, são sensíveis ao modo verbal, e os marcadores *lam* e *la* do árabe, ao tempo e aspecto gramatical. E, segundo Cavalcante (2012, cap. 1), há línguas em que os marcadores negativos são sensíveis a propriedades do sistema CP como o tipo sentencial e relações intra e extrassentenciais. Nenhum dos marcadores negativos do PB parece ser sensível ao sistema IP, mas o **não** pós-verbal do português parece sensível ao sistema CP, como apontado no texto. Na análise proposta por Cavalcante (2007, 2012), isso decorre de o **não** pós-verbal ser gerado em uma posição alta da hierarquia sentencial, no sistema CP, ao contrário de marcadores (imediatamente) pós-verbais como o *pas* do francês e o *not* do inglês, que seriam gerados no sistema IP.

Os dados em (3) mostram que, em sentenças encaixadas, [não VP não] tende a ser aceitável apenas em completivas; já [VP não] tende à inaceitabilidade em todas as encaixadas, o que diferencia os dois tipos de negativas pós-verbais.⁷

- (3) a. Ele disse *que não conseguiu não*.
 b.? Ele disse *que conseguiu não*.⁸
 c. **Se a banda (não) tocar não*, o show vai ser cancelado.
 d. *Ele já foi buscar o livro *que Maria (não) trouxe não*.

2.2 Pressupostos equivocados sobre as negativas pós-verbais do português

Até recentemente, na literatura sobre o tema, eram correntes três opiniões equivocadas sobre as negativas pós-verbais do português:

i) As negativas pós-verbais seriam inovações/exclusivas do PB, ausentes do PE

Há autores que consideram os padrões de negação pós-verbal [não VP não] e [VP não] como inovações do PB em relação ao PE. Alguns, como Careno e Petter (1994),⁹ Lucchesi (2001, p. 124) e Fonseca (2011),

⁷ Em Cavalcante (2007, 2012), defendendo que esse comportamento resulta de o não pós-VP ser associado ao sistema CP, sendo gerado sempre no CP matriz com o movimento de toda a sentença para o especificador da categoria funcional em que é gerado. Isso ocorreria mesmo nos casos em que [não VP não] aparece em completivas. Nesses casos, o escopo negativo apenas sobre a encaixada resultaria de um fenômeno semelhante ao de *Neg Raising*, com uma negação na matriz sendo interpretada como na encaixada, algo motivado por uma concordância negativa com o não pré-verbal encaixado. Isso explicaria também a impossibilidade de [VP neg] mesmo em completivas, em que o escopo negativo recai sobre a matriz, como comento na nota de rodapé 8.

⁸ Sentenças com essa ordem de elementos podem receber a interpretação de que o marcador negativo ao final da sentença completiva tem escopo sobre o verbo matriz, especialmente se o sujeito for nulo. Isso ocorre, inclusive, em sentenças interrogativas, como mostra o exemplo abaixo, retirado de comentário em redes sociais:

(i) Manuela, *lembra do perrengue que eu passei não?*

⁹ “[...] a negativa formada por mais de uma [sic] elemento de negação constitui-se em um dos traços que caracterizam o português popular do Brasil e é uma estrutura típica de línguas crioulas. Esta última hipótese baseia-se em pesquisas de Granda (1978), quando

apontam que essas negativas seriam resultado do contato linguístico e de processos de crioulização que houve na formação do Brasil.

Entretanto, os trabalhos de Martins (2010, 2012) e de Pinto (2010) dão exemplos de [não VP não] e [VP não] no PE, reproduzidos em (4) e (5), o que mostra que a negação pós-verbal **não é exclusiva do PB**.¹⁰

- (4) a. O Pedro não disse que vendeu o carro não. (PE)
 b. Não gosta de ninguém não. (PE) (MARTINS, 2010, p. 572)
- (5) A: A criança comeu a sopa toda.
 B: Não comeu a sopa toda, não. Deixou metade no prato. (PE)
 B': Comeu a sopa toda, não. Deixou metade no prato. (PE)
 (PINTO, 2010, p. 50)

O trabalho de Lamberti (2014) também documenta, a partir de dados de testes de percepção e de dados de entrevistas sociolinguísticas do acervo online do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, a existência de [não VP não] no PE, mas não cita a existência de [VP não]. Retorno às propriedades da negação pós-verbal do PE na seção 2.4.

ii) A negativa [não VP não] seria necessariamente enfática

Ao serem consultados sobre o tema, muitos falantes afirmam que [não VP não] diferiria de [não VP] por ser enfática ou por ser “mais forte”. Na literatura linguística, pelo menos Cunha (1996, 2001) e Roncarati (1996) defendem [não VP não] como uma estrutura enfática. Entretanto, essa caracterização parece baseada apenas na percepção de uma função pragmática distinta. Como aponta Schwenter (2005, p. 1429), o termo “ênfase” é usado apenas intuitivamente mesmo nas descrições linguísticas e é deixado sem uma definição apropriada.

faz um estudo sobre o fenômeno da dupla negação utilizada por falantes de Chocó, (Colômbia), local onde residem habitantes majoritariamente de origem africana...” (CARENO; PETER, 1994, p. 98).

¹⁰ Esse fato enfraquece a hipótese do surgimento por contato linguístico, mas, a rigor, nada impede que essas estruturas tenham surgido primeiramente no PB por contato muito tempo antes de surgirem no PE por outras motivações.

Em Cavalcante (2012, cap. 2; 2014), aponto que as negativas pós-verbais não atendem a nenhum dos possíveis critérios de definição de ênfase:

- (i) não destacam nem focalizam sintaticamente algum dos elementos da sentença como ocorre em processos de topicalização ou focalização por movimento.
- (ii) não destacam constituintes ou partes de constituintes por meio de processos prosódicos de focalização *in situ* via acento.
- (iii) não introduzem escalas de intensidade como ocorre em sentenças exclamativas como elementos QU não interrogativos (ex.: *que dia lindo!*);
- (iv) não adicionam elementos maximizadores ou minimizadores (como *um pingo de*).
- (v) não forçam uma entonação mais intensa, semelhante à das exclamativas (ex.: *Saia daqui agora!*).

A ênfase, no sentido (v) acima, é algo que **pode** ser acrescentado às sentenças negativas, tanto pós-verbais quanto pré-verbais, via prosódia, como em (6), mas não é um traço obrigatório e inerente a elas.

- (6) a. Eu NÃO QUERO!
- b. Eu já disse que NÃO VOU!
- c. NÃO SAIA daí!

Ao contrário, a negativa dupla é perfeitamente aceitável sem ênfase ou “maior força” ilocucionária, como em (7).

- (7) a. Não quero não, obrigado. (resposta)
- b. Não lembro não. (resposta)
- c. Não teve aula não? (interrogativa polar)
- d. (Ô, por favor,) num saia hoje não. (imperativo/pedido)

Uma descrição mais adequada mostra que tanto [não VP não] quanto [VP não] devem ser caracterizadas como *anafóricas* (não como enfáticas), no sentido de serem motivadas/licenciadas pela presença do elemento a ser negado no contexto (linguístico ou extralinguístico),

tendo um comportamento semelhante ao das partículas assertivas (anafóricas) pré-sentenciais como *yes/no* e *sim/é/não* como em (8) (cf. CAVALCANTE, 2004, 2007, 2012; cf. também SCHWENTER, 2005; GOLDNADEL *et al.* 2013). São, em certo sentido, “réplicas”. Mesmo nos usos imperativos e interrogativos, não são perguntas ou ordens neutras, mas emitidas em réplica a algum gatilho contextual, como em (9) e (10).

- (8) A: João veio pra festa?
B: **Não**, ele ficou em casa. / **Sim/é**, ele veio.
- (9) A: (Acho que) João não veio pra festa.
B: E nem era pra ele vir.
A: (Você não) convidou ele **não**? Pensei que você tivesse convidado...
- (10) A: Acho que vou convidar João para a festa..
B: Num convide ele **não**! / Convide ele **não**!

A situação não é a mesma no PE, como mostrarei na seção 2.3. Também não é necessariamente a mesma no português sulista, conforme 2.4.

iii) A negativa [VP não] seria tipicamente nordestina

Na literatura, também são comuns afirmações sobre [VP não] ser tipicamente nordestina (cf. RONCARATI, 1996). Para muitos falantes do Sudeste e Sul, essa forma é praticamente um *estereótipo* (no sentido laboviano) nordestino. A observação empírica, entretanto, mostra que [VP não] está perfeitamente presente no Sudeste do país, como, por exemplo, em São Paulo e Minas Gerais (cf. FONSECA, 2009; CAMARGOS, 2000; ALKMIM, 1999; 2002).

Já com relação à região Sul do país, em um primeiro momento, não é claro o *status* dessa negativa. Relatos de falantes sulistas sugerem que [VP não] seria ausente em boa parte da região, especialmente no Rio Grande do Sul. Falantes gaúchos, em geral, costumam declarar que essa negativa não ocorre em seu dialeto.

Goldnadel *et al.* (2013),¹¹ a partir de dados de entrevistas do Projeto VARSUL das três capitais sulistas, realizadas entre o final da década de 1980 e começo da década de 1990, não encontram dados de [VP não] (vide Tabela 1 na próxima seção), confirmando a suspeita de que essa estrutura é ausente ou rara em parte dos dialetos sulistas.

Essa é uma das questões motivadoras dessa pesquisa, que tem o objetivo de mapear em mais detalhes a presença ou ausência dessa estrutura nos dialetos sulistas, especialmente para tentar descobrir em que pontos do território ocorre a passagem de uma gramática sem [VP não] para uma gramática com [VP não] (no sentido gerativista do termo *gramática*). Na próxima seção, trato mais especificamente dos dialetos sulistas.

2.3 Negativas pós-verbais no PB sulista

Como apontei no final da última subseção, o trabalho de Goldnadel *et al.* (2013) reforça as suspeitas quanto à ausência ou raridade de [VP não] em dialetos sulistas, uma vez que não encontrou dados dessa estrutura em inquéritos do VARSUL realizados nas três capitais do Sul no final da década de 1980 e início de 1990.

Já com relação a [não VP não], os autores documentam usos de [não VP não] nessas capitais, mas em percentuais bastante baixos, que vão de 0,6% a 4,4%, conforme tabela abaixo.

TABELA 1 – Formas de negação sentenciais nas capitais da região Sul do Brasil

	NEG1	NEG2	NEG3	TOTAL
Porto Alegre	1402 / 99,4%	8 / 0,6%	0	1410
Curitiba	1371 / 97,4%	37 / 2,6%	0	1408
Florianópolis	1018 / 95,6%	47 / 4,4%	0	1065

Fonte: Goldnadel *et al.* (2013, p. 50), a partir de dados do Projeto VARSUL.

Apesar de lidar apenas com dados de capitais, esses números atestam a presença de [não VP não] na região Sul, mas ainda assim mostram uma situação bem diferente do que é encontrado em trabalhos

¹¹ Agradeço a um parecerista pela indicação desse trabalho.

sobre outros dialetos do Nordeste e do Sudeste, em que, segundo compilação feita em Cavalcante (2007), a estrutura [não VP não] ocorre em percentuais que variam de 10% a mais de 30%, enquanto [VP não] aparece em percentuais de 1% a 6%.¹²

A frequência de [não VP não] nas capitais do Sul é, portanto, muito inferior ao que ocorre em outros dialetos e equivale a uma produtividade semelhante à da estrutura [VP não] em outras partes do país, que é a menos frequente das três, mesmo nos dialetos em que é tida como produtiva. Isso sugere que essas duas estruturas negativas pós-verbais sejam muito mais recentes na gramática dos dialetos sulistas do que nas dos demais dialetos, o que explicaria a menor difusão de [não VP não] na região.

Especificamente sobre o dialeto gaúcho, é interessante que o percentual de [não VP não] em Porto Alegre registrado na Tabela 1 de Goldnadel *et al.* (2013) seja o mais baixo dentre as três capitais sulistas, com apenas oito casos, correspondendo a cerca de meio por cento. Números tão baixos sugerem que tal forma realmente seja agramatical ou, ao menos, marginal para a maioria dos porto-alegrenses e dos gaúchos de um modo geral. Também sugere a possibilidade de que essas estruturas tenham se difundido a partir de outras regiões do Brasil, alcançando por último e em menor grau o estado mais ao sul do território.

Com relação ao aspecto enfático da negativa [não VP não], Goldnadel *et al.* (2013) e Lamberti (2014) assumem a hipótese de que esse tipo de negativa surgiu no PB com a função enfática, mas que perdeu essa função nos demais dialetos do PB e passou a expressar tópico ou manutenção de tópico discursivo. Quanto ao dialeto gaúcho, os autores assumem que essa estrutura ainda estaria passando da fase do uso enfático para o uso não enfático.

Diante desse quadro geral, com a presença reduzida de [não VP não] e a ausência de [VP não] nas capitais da região Sul, uma melhor compreensão do *status* das negativas pós-verbais na região requer uma ampliação da base geográfica de análise, com a investigação do

¹² Distribuição de [não VP não] e de [VP não] em alguns *corpora*: Fortaleza, 18% x 5% (cf. RONCARATI, 1996, p. 103); Helvécia (BA), 33% na soma dos dados dos dois padrões (SOUSA, 2004, p. 7); em Natal, 10% x 0,6% (CUNHA, 1996, p. 170); em Belo Horizonte, 27% x 3% (CAMARGOS, 2000, p. 6); em Mariana (MG), 21,2% a 1,7% (ALKMIN, 1999); em Pombal (MG), 31,3% x 4,4% (ALKMIN, 1999, p. 4); em Cinzento, Sapé e Rio de Contas (BA), 28% x 6% (CAVALCANTE, 2007, p. 24); em Salvador, 40,35% x 5,56% (CAVALCANTE, 2004).

comportamento dos dialetos do interior, de modo a verificar em que pontos do território nacional a estrutura [não VP não] se torna mais produtiva e em que pontos surge a estrutura [VP não].

Discuto, a seguir, as características das negativas pós-verbais no PE, onde estas parecem possuir propriedades sintáticas e discursivas distintas.

2.4 Negativas pós-verbais no PE

Como apontei anteriormente, ao contrário do que dizia parte da literatura, as negativas pós-verbais [não VP não] e [VP não] estão sim presentes no PE, como mostram Martins (2010, 2012) e Pinto (2010). Entretanto, pelas informações fornecidas por essas autoras, estas estruturas possuiriam funções e valores diferentes em relação ao PB.

A principal diferença seria que, no PE, as negativas pós-verbais são aceitáveis apenas em sentenças declarativas matrizes. Elas são inaceitáveis em sentenças interrogativas (polares ou QU) e imperativas. Assim, as sentenças (2a-c), apresentada na seção 2.1, aceitáveis no PB, seriam inaceitáveis no PE.

No PE, as negativas pós-verbais também são proibidas em sentenças encaixadas, mesmo completivas. Como apontado na seção 2.1, no PB, em encaixadas completivas, a negativa dupla [não VP não] é aceitável e produtiva; apenas a negativa exclusivamente final [VP não] é inaceitável em todas as encaixadas no PB.

Martins (2010, 2012) e Pinto (2010) também apontam que a negativa dupla [não VP não] do PE possuiria valor enfático. As autoras não discutem o sentido específico que atribuem ao termo “enfático” para caracterizar essa negação, mas elas parecem se referir ao sentido (v) apresentado na seção 2.2, ou seja, a uma entonação com maior intensidade, que pode ser considerada uma forma de expressar um maior comprometimento do falante com a proposição.

Esse valor enfático seria, por hipótese, o elemento responsável pela diferença de comportamento que restringe a estrutura às sentenças declarativas matrizes no PE, embora esta relação precise ser mais bem caracterizada. A relação entre a ênfase e a restrição a contextos matrizes declarativos parece existir de modo independente, uma vez que uma construção efetivamente enfática como o uso do *nada* com valor não

argumental no PB, como em (11), também é restrita apenas a declarativas matrizes (cf. CAVALCANTE, 2012, cap. 2).¹³

- (11) A: João viajou ontem.
B: Viajou **nada!** Ele passou o fim de semana em casa...

Lamberti (2014), por outro lado, aponta que, no PE, a estrutura [não VP não] estaria passando por um processo de mudança, com o início do desenvolvimento de usos não enfáticos, em que a função pragmática expressa seria a de manutenção de tópico discursivo. De qualquer forma, a possível existência de enunciados com dupla negação não enfática no PE não anula o fato de que esta parece continuar restrita a contextos declarativos matrizes, o que marca uma diferença entre o PB e o PE.

Já com relação à estrutura [VP não], Martins (2012) e Pinto (2010) consideram que, no PE, ela possui um valor de negação metalinguística, no sentido de não operar sobre o valor de verdade da sentença, mas sobre sua assertabilidade (“*assertability*”). Nos dados de [VP não] no PE, a sentença não estaria sendo usada, mas simplesmente citada, como no exemplo (12), abaixo.

- (12) A: Eles casaram e tiveram um bebê.
B: Casaram e tiveram um bebê, *não*. Casaram porque tiveram um bebê.
(PINTO, 2010, p. 51)

Em (12), o *não* toma toda a coordenação “*Casaram e tiveram um bebê*” como seu argumento, mas não inverte o valor de verdade das proposições que estão contidas nela. Tanto “*casaram*” quanto “*tiveram um bebê*” continuam verdadeiras. O que é negado é, na verdade, a implicatura gerada pela conjunção “e” quanto à ordem dos dois eventos.¹⁴ Usos efetivamente negativos de [VP não], como os do PB que ocorrem em

¹³ Cf. também Di Tullio (2008) sobre o nada não argumental enfático no espanhol platense; e também Simioni & Cavalcante (2018) sobre o uso de *capaz* como marcador negativo enfático no dialeto gaúcho, em que ocorre a mesma restrição ao tipo sentencial: ocorre apenas em declarativas matrizes.

¹⁴ Confira, porém, o exemplo da própria Pinto (2010) apresentado em (5), na seção 2.2. Em minha opinião, não há razão para considerar que o dado em (5B’) não seja um caso de negação regular, uma vez que o valor de verdade da sentença é efetivamente negado.

(1c), (2a), (5), (9) e (10), seriam inaceitáveis no PE, de acordo com essa visão. É importante observar que esse efeito também pode ser alcançado com a negação pré-verbal, como em (13). O ponto defendido por Martins (2012) e Pinto (2010) é que [VP não] realizaria exclusivamente negação metalinguística, nunca a negação verifuncional.

- (13) A: Eles casaram e tiveram um bebê.
 B: Eles não *casaram e tiveram um bebê*. Tiveram um bebê e depois casaram.

Em dados como (12), o material sobre o qual o *não* age parece estar sendo usado como citação, sendo, por isso, imune ao escopo negativo. Usos como esses também são possíveis no PB, como em (14), mas são de natureza diferente dos casos em que [VP não] é usada de modo verifuncional, como em (15).

- (14) A: Aquela atriz é bonita.
 B: “Bonita” não, linda!
- (15) A: Aquela atriz é bonita?
 B: (É) bonita não. É feia que dói.

Diante do quadro exposto ao longo das últimas subseções, apresento em 2.4 as questões de pesquisa.

2.5 Questões de pesquisa

Partindo das descrições do PE e do PB apresentadas até aqui, sugiro que haveria dois tipos de comportamento das negativas pós-verbais nos dialetos do português:

- (i) um tipo brasileiro,¹⁵ com valor anafórico e disponível em sentenças declarativas (matrizes e completivas) e não declarativas (imperativas e interrogativas polares);

Parece-me que alguns casos de negação contrastiva ou corretiva são considerados por Pinto (2010) e Martins (2010) como de negação metalinguística.

¹⁵ A expressão “tipo brasileiro” não é totalmente adequada uma vez que o objetivo dessa pesquisa é justamente verificar se esse padrão está realmente presente em todas as regiões

- (ii) e um tipo lusitano, com valor enfático ou metalinguístico, disponível apenas em declarativas matrizes.

A pergunta que embasa este trabalho é: em qual tipo se encaixam os vários dialetos sulistas do Brasil hoje?

A partir da caracterização acima sobre o comportamento das negativas pós-verbais de tipo brasileiro e de tipo lusitano e a partir dos relatos sobre possível ausência de [VP não] na região Sul do Brasil, parcialmente confirmados por Goldnadel *et al.* (2013) com relação às capitais, levanto as seguintes questões de pesquisa:

- A) Qual é a distribuição geográfica do *não* pós-verbal no Sul do Brasil? Em que localidades ocorrem [não VP não] e [VP não]? Mais especificamente, em que ponto do território a estrutura [VP não] começa a surgir?
- B) Que valores semânticos ou pragmáticos as negativas [não VP não] e [VP não] exercem nos locais em que ocorrem no Sul?
- C) Qual é a distribuição das negativas pós-verbais no Sul por tipo sentencial? Elas ocorrem em interrogativas e imperativas ou apenas em declarativas?
- D) Em suma, as negativas pós-verbais do Sul do Brasil seguem um padrão brasileiro ou lusitano? Ou seguem um terceiro padrão, a ser identificado?

Goldnadel *et al.* (2013) responderam parcialmente às questões B e C com relação às capitais. Nesta pesquisa, entretanto, amplio a cobertura

do país ou está restrito às regiões Nordeste e Sudeste. Além do mais, mesmo a confirmação de que o comportamento dos dialetos sulistas segue o mesmo padrão, ainda fica em aberto a questão sobre o comportamento nas regiões Norte e Centro-Oeste. Uma opção seria usar o termo “tipo nordestino-sudestino”, mas o termo “sudestino” soa tão mal que não é usado no Brasil para se referir ao Sudeste, apesar do amplo uso dos termos “nordestino” e “sulista”. Uma terceira opção seria usar simplesmente o termo “tipo nordestino”, o que ainda seria simplificador devido à presença desse padrão também no Sudeste, mas que teria o efeito de salientar a hipótese de que essas estruturas tenham de fato surgido na região Nordeste e se espalhado posteriormente por outras áreas, o que explicaria o fato de serem vistas como estereótipos da região. Nenhuma das opções é plenamente satisfatória. Por simplicidade, acaterei a recomendação de um parecerista para que seja usado o termo “tipo brasileiro”.

geográfica com a inclusão de diversas localidades do interior dos três estados através dos dados do ALiB.

3 Metodologia

Nesta pesquisa, em andamento, tenho como objetivo descrever a negação pós-verbal nos dialetos sulistas, de modo a responder às quatro perguntas listadas acima. Para isso, lido com dados empíricos coletados de acordo com a metodologia dos estudos dialetais e geolinguísticos.

Os dados são coletados a partir de inquéritos do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, gravados com informantes da região Sul do país. Os questionários do ALiB possuem três questões formuladas com o objetivo de tentar captar respostas negativas por parte dos informantes, as de número 47, 48 e 49 do Questionário Morfossintático: 47 – “*Você / o(a) senhor(a) sabe se existe vida em outro planeta / na lua?*”; 48 – “*Você / o(a) senhor(a) já viu disco voador?*”; 49 – “*Você / o(a) senhor(a) já viajou de avião? Tem medo de viajar de avião?*”.

Infelizmente, muitas vezes essas perguntas falham em obter respostas de natureza sentencial (muitas vezes, a resposta é apenas um fragmento sem o verbo) ou em obter respostas efetivamente negativas (muitas vezes, a resposta é afirmativa).

Além disso, mesmo nos casos em que respostas negativas são obtidas, costumam ocorrer dados apenas de uma das estruturas, como a pré-verbal, mesmo quando estas aparecem na fala do informante em outras partes do inquérito ou quando simplesmente não há dados suficientes para concluir pela aceitabilidade ou inaceitabilidade das demais negativas em outros contextos. Essas e outras dificuldades mostram que, para o objetivo de mapear propriedades sintáticas pelo método geolinguístico, são necessárias adaptações no modo de formulação das questões morfossintáticas para atlas linguísticos, um problema importante, mas que está além do escopo deste trabalho.¹⁶

Devido a essa limitação, o procedimento adotado foi realizar a audição de todas as partes dos inquéritos para verificar a utilização das negativas em quaisquer momentos da interação com o inquiridor ou com outras pessoas eventualmente presentes durante a gravação. A

¹⁶ Para uma discussão sobre a adaptação dos métodos geolinguísticos para a pesquisa sintática, cf. CAVALCANTE, 2018a; 2018b.

meta é ouvir todos os inquéritos realizados no Rio Grande do Sul, em Santa Catarina e no Paraná, para levantar os dados de negação pós-verbal presentes na fala dos informantes. Isso corresponde a um total de 44 localidades e 188 inquéritos (quatro por localidade do interior; oito por capital), assim distribuídos:

- **Rio Grande do Sul:** 17 localidades – Três Passos, Erechim, Passo Fundo, Vacaria, Ijuí, São Borja, Flores da Cunha, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Porto Alegre, Osório, Uruguaiana, Caçapava do Sul, Santana do Livramento, Bagé, São José do Norte, Chuí. Total de inquéritos: 72.
- **Santa Catarina:** 10 localidades – Porto União, São Francisco do Sul, São Miguel do Oeste, Blumenau, Itajaí, Concórdia, Florianópolis, Lages, Tubarão, Criciúma. Total de inquéritos: 44.
- **Paraná:** 17 localidades – Nova Londrina, Londrina, Terra Boa, Umuarama, Tomazina, Campo Mourão, Cândido de Abreu, Piraí do Sul, Toledo, Adrianópolis, São Miguel do Iguaçu, Imbituva, Guarapuava, Curitiba, Morretes, Lapa, Barracão. Total de inquéritos: 72.

Para o presente trabalho, descrevo os dados dos informantes da faixa etária mais jovem, de 18 a 30 anos, de ambos os sexos, com baixa escolaridade. Os dados levantados foram retirados de 68 inquéritos de 34 localidades assim distribuídos:

- i) do **Paraná:** 34 inquéritos de 17 localidades (todas as localidades listadas acima).
- ii) de **Santa Catarina:** 14 inquéritos de 7 localidades (Porto União, Blumenau, Itajaí, Florianópolis, Lages, Tubarão, Criciúma).
- iii) do **Rio Grande do Sul:** 20 inquéritos de 10 localidades (Três Passos, Passo Fundo, Vacaria, Ijuí, São Borja, Santa Maria, Porto Alegre, Uruguaiana, Bagé, Chuí).

Em todas as cidades citadas imediatamente acima, foram ouvidos dois inquéritos por localidade (um informante masculino e um feminino). A audição dos inquéritos e o levantamento de dados foram feitos em grande parte por mim, mas com o auxílio da bolsista de iniciação científica

Luma Gomes, que também fez a descrição de parte dos dados de Santa Catarina (GOMES, 2016).

Na análise dos resultados, não adotei uma perspectiva quantitativa no sentido da sociolinguística, com a análise da variação percentual entre os três tipos de sentenças negativas, pelas seguintes razões: (i) os inquiridos não tiveram o perfil tradicional das entrevistas sociolinguísticas, com o estímulo à conversação livre; mesmo nas poucas perguntas voltadas para estimular alguma narrativa, o tempo dedicado às respostas é curto e bastante variável; (ii) para cada localidade há apenas dois informantes com apenas um representante de cada célula social, o que faz com que as porcentagem no uso de cada tipo de negativa não representem necessariamente diferenças de perfil social, mas de idioleto.

Focarei, portanto, em aspectos qualitativos quanto à presença ou ausência dessas estruturas em cada localidade e em cada falante e quanto ao *status* sintático e ilocucional bem como à função discursiva de cada dado; também focarei em aspectos quantitativos delimitados em termos geográficos (quantidade de localidades em que uma estrutura ocorre) e individuais (quantidade de informantes que usam uma estrutura).

4 Resultados

Nesta seção, descrevo os dados levantados com base na tentativa de responder às quatro questões levantadas na subseção 2.4.

4.1 Distribuição geográfica

Quanto à questão A, que diz respeito à distribuição geográfica, a negativa exclusivamente pré-verbal [não VP], previsivelmente, ocorre em todas as localidades, em todos os informantes e não será alvo de detalhamento.

A negativa dupla [não VP não] ocorre em 28 das 34 localidades tratadas aqui: em 16 dos 17 pontos do Paraná; em 5 dos 7 pontos de Santa Catarina; e em 7 dos 10 pontos do Rio Grande do Sul.

Já a negativa final [VP não], ao contrário do que se esperaria com base nos relatos pessoais e nos resultados de Goldnadel *et al.* (2013) sobre as capitais, ocorre em 10 das 34 localidades: em 6 pontos no Paraná; 1 ponto de Santa Catarina; e (surpreendentemente) em 3 pontos do Rio

Grande do Sul. O Quadro 1, a seguir, resume os resultados por localidade, região e informante.

QUADRO 1 – Distribuição geográfica das negativas pós-verbais no dialeto sulista

	Localidades	[não VP não]	[VP não]
Paraná	207 - Nova Londrina	M/F ¹⁷	M/F
	208 - Londrina	---	---
	209 - Terra Boa	F	---
	210 - Umuarama	M/F	M
	211 - Tomazina	F	---
	212 - Campo Mourão	M/F	M
	213 - Cândido de Abreu	M/F	---
	214 - Piraí do Sul	M/F	---
	215 - Toledo	M/F	M
	216 - Adrianópolis	M	---
	217 - São Miguel do Iguçu	M/F	---
	218 - Imbituva	M	---
	219 - Guarapuava	M	M/F
	220 - Curitiba	M/F	M
	221 - Morretes	F	---
222 - Lapa	M/F	---	
223 - Barracão	F	---	

¹⁷ “M” e “F” indicam se os dados ocorreram na fala dos informantes Masculinos e/ou Femininos.

Santa Catarina	224 - Porto União	M/F	F
	227 - Blumenau	M/F	--/--
	228 - Itajaí	M/F	---
	230 - Florianópolis	F	---
	231 - Lages	F	---
	232 - Tubarão	---	---
	233 - Criciúma	---	---
Rio Grande de Sul	234 - Três Passos	M/F	M
	236 - Passo Fundo	---	---
	237 - Vacaria	M/F	M
	238 - Ijuí	---	---
	239 - São Borja	---	F
	242 - Santa Maria	M	---
	243 - Porto Alegre	F	---
	245 - Uruguaiana	M/F	---
	248 - Bagé	M	---
	250 - Chuí	F	---

Fonte: quadro elaborado pelo autor a partir de dados de inquéritos do Projeto ALiB.

Enfatizo que esses são resultados apenas parciais sobre a distribuição das formas nos três estados, uma vez que (i) se referem apenas aos dados de uma das duas faixas etárias do ALiB; (ii) ainda faltam dados de algumas localidades de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, que não estavam disponíveis para audição.

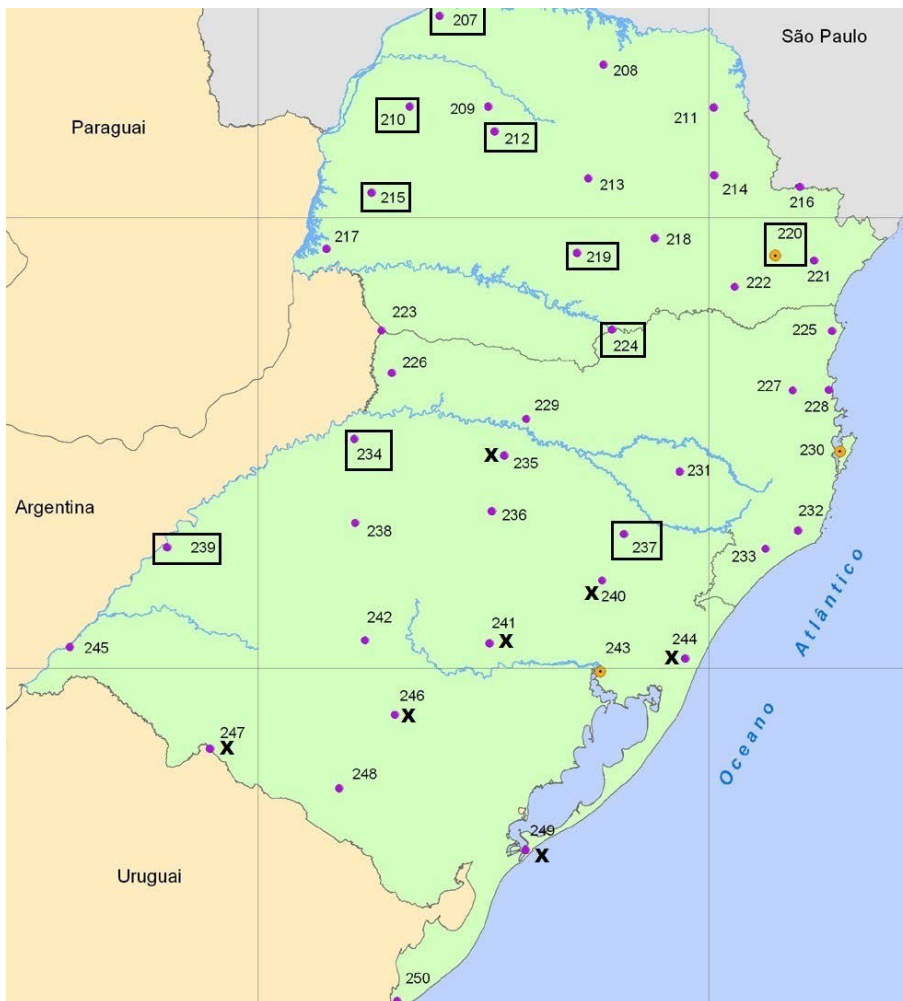
Nas duas próximas subseções, comento esses resultados.

4.1.1 Distribuição geográfica de [VP não] na região Sul

Apresento, na Figura 1, a seguir, a distribuição geográfica da estrutura [VP não] nos estados da região Sul. Os retângulos mostram localidades em que essa estrutura ocorre nos inquéritos. Os pontos

marcados com um X indicam as localidades para as quais ainda não havia dados disponíveis quando do levantamento para essa pesquisa. Os demais pontos, sem marcação, indicam localidades em que [VP não] não apareceu nos inquéritos.

FIGURA 1 – Carta linguística experimental da distribuição de [VP não] na faixa I na região Sul do Brasil



Fonte: PROJETO..., 2012. (Houve alteração na ilustração com acréscimo de retângulos e xis para fins didáticos).

Passo à discussão desses resultados.

A expectativa e hipótese de trabalho era que a estrutura [VP não] aparecesse apenas à medida que se avançasse em direção ao norte da região, surgindo no Paraná e em alguma parte do norte de Santa Catarina. Dessa forma, sua ocorrência documentada nas entrevistas em várias localidades do Paraná e em uma localidade ao norte de Santa Catarina (na divisa com o Paraná) era algo esperado, apesar de Goldnadel *et al.* (2013) não terem encontrado essa estrutura em Curitiba e em Florianópolis.

Por outro lado, a ocorrência de [VP não] em três localidades do Rio Grande do Sul é um resultado, à primeira vista, surpreendente, uma vez que é justamente de falantes gaúchos que vêm relatos sobre a ausência dessa estrutura.

Um quadro completo do Rio Grande do Sul ainda não pode ser traçado, uma vez que ainda faltam dados de 7 das 17 localidades a serem analisadas. Mas, a partir dessa descrição parcial, podemos verificar uma diferença significativa de distribuição entre os paranaenses e os gaúchos, encoberta pela informação geral de haver [VP não] em seis localidades de um estado e em três de outro.

No Paraná, as ocorrências estão geograficamente distribuídas por diversas partes do estado, no norte, sul, leste e oeste. Em Santa Catarina, como apontei, apenas em uma localidade que faz divisa com o Paraná.

No Rio Grande do Sul, a distribuição é bem mais restrita do que no Paraná: em duas cidades ao norte e em uma a oeste, sempre relativamente próximas às divisas do estado. Nenhuma ocorrência na região central ou ao sul. E nenhuma ocorrência da capital do estado, Porto Alegre.

Além disso, as ocorrências nas cidades gaúchas sempre foram limitadas a um único dos informantes (o homem em Três Passos e em Vacaria; a mulher em São Borja). Mais do que isso: em todos os três casos, houve apenas um dado de [VP não] por inquérito. O mesmo ocorreu em Santa Catarina. No Paraná, a situação é distinta. Em duas das seis localidades em que [VP não] aparece, a estrutura ocorre na fala dos dois informantes.

Também é preciso considerar que os dados de [VP não] no Paraná ocorrem em um contexto em que [não VP não] aparece de modo bem mais produtivo do que no Rio Grande do Sul. Ou seja, os casos de [VP não] são produtivos no Paraná mesmo estando em competição (no sentido laboviano) muito maior com [não VP não] do que no estado gaúcho.

Especificamente quanto às capitais dos estados, Goldnadel *et al.* (2013) apontaram a inexistência de dados de [VP não] nas entrevistas do VARSUL. Nos dados do ALiB descritos aqui, essa estrutura está ausente em Porto Alegre e em Florianópolis, mas presente no informante masculino de Curitiba, o que reforça a hipótese de que essa negativa surge de modo mais produtivo à medida em que o dialeto está mais próximo da região Sudeste.

4.1.2 Distribuição geográfica de [não VP não] na região Sul

Especificamente sobre os dados de [não VP não], no Paraná, essa estrutura ocorre em quase todas as 17 localidades, estando ausente apenas em Londrina.¹⁸ Em 9 das localidades, [não VP não] aparece em ambos os informantes; em 7 localidades, ocorre apenas em um dos informantes (em 5 delas, apenas no informante feminino; em 3, apenas no masculino). Assim, a negativa dupla aparece em 25 dos 34 inquéritos do Paraná, o que equivale a 73% dos informantes.

Já no Rio Grande do Sul, há 3 localidades em que [não VP não] está ausente nos dados; em outras 4 localidades, ocorre apenas em um dos informantes (igualmente distribuídas quanto ao sexo). Apenas em 3 das 10 localidades gaúchas, a estrutura dupla aparece nos dois informantes. Temos, então, [não VP não] em 10 dos 20 inquéritos – 50% do *corpus*.

Em Santa Catarina, a negativa dupla [não VP não] aparece em 4 das 7 localidades; em 8 dos 14 inquéritos, 57%, o que aproxima o comportamento desse estado ao comportamento do Rio Grande do Sul.

Assim, os dados parciais examinados até agora reforçam a hipótese de que há uma assimetria na distribuição das negativas sentenciais com o marcador pós-VP nos dialetos sulistas do PB. A distribuição e a produtividade do marcador final aumentam à medida que se caminha em direção ao norte da região, aproximando-se dos estados da região Sudeste.

Os dados de Goldnadel *et al.* (2013, p. 50) poderiam sugerir a hipótese de que [não VP não] fosse mais produtiva em Santa Catarina do que nos outros dois estados, com o Paraná em segundo lugar, uma vez que Florianópolis tinha 4,4% de dupla negação contra apenas 2,6% em Curitiba e 0,6% em Porto Alegre, conforme dados da Tabela 1 na seção

¹⁸ Mas a estrutura ocorre entre pelo menos um dos informantes da faixa etária mais velha, que não é foco desse trabalho.

2.2. Mas os dados do ALiB exibem uma situação bem diferente dessa possibilidade, com uma clara gradação em que a maior produtividade está no Paraná, seguido por Santa Catarina e, em último lugar, pelo Rio Grande do Sul.

Falando especificamente quanto às capitais, os dados do ALiB também apontam para uma maior produtividade de [não VP não] em Curitiba do que nas demais capitais. Na capital paranaense, a estrutura está presente nos dois informantes, enquanto em Florianópolis e em Porto Alegre ela só aparece no informante feminino.

4.2 Valor discursivo das negativas pós-verbais

Volto agora à questão B, que trata das funções exercidas por essas estruturas.

Os dados de [não VP não] documentados não apontam para um uso necessariamente enfático dessa construção em nenhuma das localidades em que aparece. Nenhum dado levantado traz ênfase ou entonação mais intensa. São usos tipicamente anafóricos (licenciados por proposições/tópicos contextualmente ativados), enunciados como réplicas a sentenças emitidas pelo inquiridor ou inferências contextuais. Não há necessidade de contraste nem entonação mais intensa.

Nisso, o dialeto sulista aproxima-se do comportamento documentado no restante do país, ou seja, do tipo “brasileiro”, distanciando-se do comportamento lusitano. Também com relação à negativa [VP não], o uso é claramente responsivo, mas não metalinguístico, operando sobre o valor de verdade da sentença, como em (16)-(17), mesmo no caso de um uso não declarativo, como comento na próxima subseção.

(16) Inq: Tem outros nomes pra vesgo?

Inf: Sei **não**. Acho que não.

(207-1 Nova Londrina/PR)

(17) Inq: Uma criança do sexo masculino de cinco a dez anos? Você já falou.

Inf: Não lembro. Lembro **não**.

(215-1 Toledo/PR)

4.3 Distribuição pelo tipo sentencial

A terceira pergunta a ser respondida diz respeito à distribuição das negativas pelo tipo sentencial. O objetivo é verificar se elas ocorrem em declarativas encaixadas completivas e em não declarativas. Para isso, um problema é o perfil do *corpus* investigado, que consiste em entrevistas linguísticas do tipo pergunta e resposta. Estas favorecem a ocorrência de negativas sentenciais responsivas curtas, mas não favorecem o uso de sentenças encaixadas nem de interrogativas e de imperativos por parte do informante. Quando dados negativos desses tipos ilucucionários ocorrem nos inquéritos, é por acidente, o que faz com que não haja informações suficientes para concluir pela presença/ausência de [não VP não] e [VP não] sistemática em cada localidade específica investigada.

4.3.1 [não VP não] por tipo sentencial

Apesar das dificuldades apontadas acima, ainda assim, entre os dados coletados, houve casos de negativas pós-verbais com perguntas polares no Rio Grande do Sul e no Paraná, registrados em (18). Inesperadamente, não houve dados de imperativas com [não VP não].

- (18) a. Né pregador **não**? (237-1 Vacária, RS)
 b. Né brasa o nome **não**? (220-1 Curitiba, PR)

Com relação às subordinadas, há alguns dados de [não VP não] em sentenças completivas, registrados em (19), mas, na faixa etária jovem, foco desse artigo, apenas em localidades do Paraná (na faixa etária mais velha, cujos dados ainda estão sendo descritos, há dados de fora do Paraná).

- (19) a. Ah, acho que **não** aconteceu nada **não**. (209-2 Terra Boa/PR)
 b. Acho que **né não**. (210-1 Umarama/PR)
 c. Esse aí eu acho que eu **não** ouvi falar **não**. (217-2 S. Miguel do Iguaçu/PR)

Além disso, houve ao menos um dado em que o marcador negativo ao final de uma oração completiva é estruturalmente ambíguo, podendo estar relacionado à matriz ou à encaixada, uma vez que ambas contêm um marcador pré-verbal, como em (20).

- (20) Mas eu **nunca** vi **ninguém** falar disso **não**. (217-1 S. Miguel do Iguaçú, PR)

Houve também vários dados de perguntas feitas indiretamente através da *tag question* final “né”, como em (21), o que levanta a questão se tais ocorrências devem/podem ser consideradas como declarativas ou interrogativas. Note o leitor que, nos dados em (21), a dupla negação ocorre independentemente da *tag* “né”. Esses dados, porém, não foram levantados sistematicamente.

- (21) a. Né mamão não, **né?** (208-2 Londrina/PR)
 b. Num é arca de Noé não, **né?** (208-2 Londrina/PR)
 c. Num é chuva de granito, que cai gelo, não, **né?** (210-2 Terra Boa/PR)

4.3.2 [VP não] por tipo sentencial

Como esperado, há vários casos de [VP não] em declarativas matrizes, como em (22) e (23), que trazem dados do Paraná e do Rio Grande do Sul.

- (22) Paraná
- a. Sei **não**. Acho que não. (207-1 Nova Londrina/PR)
 b. Sei **não**. (207-1 Nova Londrina/PR)
 c. Eu vi **não**. (212-1 Campo Mourão/PR)
 d. Hum. Sei **não**, hein. (212-2 Campo Mourão/PR)
 e. Não lembro. Lembro **não**. (215-1 Toledo/PR)
 f. Eu esqueci... mas olha... (pausa). Sei **não**. (219-2 Guarapuava/PR)
 g. Desvio? Contorno? Contorno? Sei **não**. (220-1 Curitiba/PR)
- (23) Rio Grande do Sul
- a. Sei **não**. A mãe faz, mas é pão caseiro nosso. (234-1 Três Passos/RS)
 b. Bom, eu aqui da cidade, de garçom, *tem ninguém... pra saber mais do que eu não*. (237-1 Vacária/RS)
 c. Não. Tem nome **não**. (239-2 São Borja/RS)

Especificamente quanto ao Rio Grande do Sul, em que é inesperada a presença de [VP não], entre os únicos três dados encontrados, houve um caso de “sei não” (cf. (23a)) ao norte do estado, que talvez possa ser considerado como uma lexia, uma fórmula pronta; e um dado com uma estrutura inusitada (cf. (23b)), com hesitação na sentença encaixada, em que o “não” parece recair sobre o verbo matriz “tem”, mesmo distante deste, e em que há uma construção existencial, com um quantificador negativo “ninguém” em posição pós-verbal, mas que pode ser interpretado como um elemento de escopo alto, que talvez seja o que licencia esse “não” sozinho em posição pós-verbal.

Também há no *corpus* um dado de sentença imperativa, especificamente com [VP não], em que a informante está simulando, a pedido do inquiridor, como daria uma ordem, em (24). Trata-se também do único dado de [VP não] levantado em Santa Catarina até o momento.

(24) Faça bagunça **não!**

(224-2 Porto União/SC)

5. Conclusões parciais

Os dados levantados e descritos parcialmente até aqui revelam o seguinte quadro sobre a negação pós-verbal no dialeto sulista:

- i) [não VP não] ocorre nos três estados, na maioria das localidades, mas é bem mais produtiva no Paraná.
- ii) [não VP não] não tem valor inerentemente enfático, mas anafórico.
- iii) [não VP não] aparece, em algumas localidades, em declarativas matrizes, encaixadas completivas e interrogativas polares; não há dados em imperativas e interrogativas QU.
- iv) [VP não] aparece em apenas três localidades do RS, com apenas um dado por localidade; aparece apenas uma vez em Santa Catarina; e aparece com uma distribuição geográfica bem maior no Paraná.
- v) apesar dos poucos dados de [VP não], há ao menos uma ocorrência em contexto imperativo; mas não há ocorrências em interrogativas, mesmo polares.

Esse perfil coloca as negativas pós-verbais sulistas mais próximas do comportamento da negação no Nordeste e do Sudeste do que da lusitana, apesar de ainda haver diferenças nítidas, como a pouca produtividade de [VP não]. Entretanto, as informações sobre o comportamento e a distribuição geográfica de [VP não] ainda são muito limitadas, especialmente pela falta de informação sistemática sobre a disponibilidade de tais estruturas pelos vários tipos sentenciais. Esta pesquisa prosseguirá com o levantamento e descrição dos dados dos 120 inquéritos restantes (do total de 188) da região Sul do *corpus* do Atlas Linguístico do Brasil. Se possível, também com ampliação da pesquisa com a análise das regiões Centro-Oeste e Norte.

Referências

ALKMIM, Mônica G. R. Ação de dois fatores externos no processo de mudança em negativas sentenciais no dialeto mineiro. In: CONGRESSO NACIONAL DA ABRALIN, II., 1999, Florianópolis. *Anais [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1999.

ALKMIM, Mônica G. R. Negativa pré e pós-verbal: implementação e transição. In: COHEN, Maria Antonieta; RAMOS, Jânia. *Dialeto mineiro e outras falas*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2002.

CAMARGOS, Marcelo. A negativa: uma análise qualitativa. CONGRESSO DE CONGRESSO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES, V., 2000, Ouro Preto. *Anais [...]*. Ouro Preto: Universidade Federal de Ouro Preto, 2000. Disponível em: <http://www.ufop.br/ichs/conifes/anais/LCA/clca03.htm>. Acesso em: 30 jul. 2005.

CARENO, Mary Francisca do; PETTER, Margarida. Observação sobre o uso da estrutura negativa. *Papia*, Brasília, v. 3, n. 2, p. 98-108, 1994.

CAVALCANTE, Rerisson. Construções negativas no português falado em Salvador. *Hyperion*, Salvador, n. 7, 2004. Disponível em: http://www.hyperion.ufba.br/revista_7_04.htm. Acesso em: 10 maio 2018.

CAVALCANTE, Rerisson. Gramática gerativa e dialetologia: dos princípios e parâmetros aos atlas sintáticos. In: CARVALHO, Danniell da Silva; TEIXEIRA DE SOUSA, Lílian (org.). *Gramática Gerativa em perspectiva*. 1. ed. São Paulo: Blucher, 2018a. p. 187-208.

CAVALCANTE, Rerisson. Mas o que é ênfase, afinal? In: JORNADA NACIONAL DO GELNE, XXV., 2014, Natal. *Anais* [...]. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2014.

CAVALCANTE, Rerisson. *Negação anafórica no português brasileiro: negação sentencial, negação enfática e negação de constituinte*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

CAVALCANTE, Rerisson. *Negação pós-verbal no português afro-brasileiro: análise descritiva e teórica de dialetos rurais de afro-descendentes*. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia. 2007.

CAVALCANTE, Rerisson. Teoria da gramática e dialectologia do português brasileiro. *Confluência*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 244-268, 1º sem. 2018b.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. Gramaticalização dos mecanismos de negação em Natal. In: MARTELOTTA, Mario Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (org.). *Gramaticalização no português do Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 167-189.

CUNHA, Maria Angélica Furtado da. O modelo das motivações competidoras no domínio funcional da negação. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 1-30, 2001. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502001000100001>

DI TULLIO, Ángela. *Palabras negativas en contextos enfáticos: nada, ningún*. In: CONGRESO DE LA SOCIEDAD ARGENTINA DE LINGÜÍSTICA, XI., 2008. Santa Fé. Santa Fé: Universidad Nacional del Litoral, abr. 2008. (Comunicação oral).

FONSECA, Hely Dutra Cabral da. A noção default e a sintaxe da negação. *Estudos da Lingua(gem)*, Vitória da Conquista, v. 7, n. 2, p. 109-132, dez. 2009.

FONSECA, Hely Dutra Cabral da. Línguas africanas e a estrutura V+NEG no português do Brasil e d'Angola. *Papia*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 195-208, 2011.

GOLDNADEL, Marcos; LIMA, Luana Santos; BREUNIG, Gustavo; ESQUIVEL, Natália Alícia; LUZ, Joana Paim. Estratégias alternativas de negação sentencial na região sul do Brasil: análise da influência de fatores pragmáticos a partir de dados do projeto VARSUL. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p. 35-74, jul./dez. 2013.

GOMES, Luma. *Sintaxe e semântica das perguntas polares do português e do inglês (2ª fase)*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, ago. 2016. (Relatório de pesquisa científica).

LAMBERTI, Luana. *Motivações pragmáticas para o uso da dupla negação: um estudo do fenômeno no português europeu*. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras – Língua Moderna – Inglês.) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

LUCCHESI, Dante. As duas grandes vertentes da história sociolinguística do Brasil. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 97-132, 2001. Doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-44502001000100005>

MARTINS, Ana Maria. Negação metalinguística (lá, cá e agora). In: BRITO, Ana Maria (ed.). In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, XXV., 2010, Lisboa. *Actas...* Lisboa: APL. 2010. p. 567-587.

MARTINS, Ana Maria. The Portuguese Answering System: Affirmation, Negation and Denial. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA HISTÓRICA, II., 2012, São Paulo. São Paulo: Universidade de São Paulo, 8-10 fev. 2012. (Minicurso).

PINTO, Clara. *Negação Metalinguística e Estruturas com nada no Português Europeu*. 2010. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2010.

PROJETO Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2012. Disponível em: <https://twiki.ufba.br/twiki/pub/Alib/RedePontos/mapa1-sul.jpg>. Acesso em: 10 maio 2018.

PROJETO Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2018. Disponível em: <https://alib.ufba.br/>. Acesso em: 10 maio 2018.

RONCARATI, Claudia. A negação no português falado. In: MACEDO, Alzira Tavares de; RONCARATI, Claudia; MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Variação e discurso*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 97-112.

SCHWENTER, Scott. The Pragmatics of Negation in Brazilian Portuguese. *Lingua*, [S.l.], v. 115, n. 10, p. 1427-1456, 2005. Doi: <https://doi.org/10.1016/j.lingua.2004.06.006>

SIMIONI, Leonor; CAVALCANTE, Rerisson. “Capaz” as an Emphatic Negative Marker in Gaúcho Brazilian Portuguese. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE SINTAXE E SEMÂNTICA & INTERFACES, III., 2018, Florianópolis. *Abstracts [...]*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2018. p. 35-36.

SOUSA, Arivaldo Sacramento. As estruturas de negação em uma comunidade rural afro-brasileira: Helvécia - BA. *Revista Hyperion*, Salvador, n. 7, p. 114-120, 2004.

ZANUTTINI, Raffaella. Sentential Negation. In: BALTIN, Mark; COLLING, Chris (ed.). *The Handbook of Contemporary Syntactic Theory*. Oxford: Blackwell, 2001. p. 511-535.

Recebido em: 30 de setembro de 2018.

Aprovado em: 06 de dezembro de 2018.